

FACULDADE LABORO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM SAÚDE MENTAL E ATENÇÃO PSICOSSOCIAL

MARCELO MARTINS ROCHA

O USO DE ÁLCOOL POR JOVENS EM PERÍODO ACADÊMICO

São Luís
2018

MARCELO MARTINS ROCHA

O USO DE ÁLCOOL POR JOVENS EM PERÍODO ACADÊMICO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Saúde Mental e Atenção Psicossocial, da Faculdade Laboro, para obtenção do título de Especialista.

Orientador: Prof. Luiz Eduardo de Andrade Sodré

São Luís

2018

MARCELO MARTINS ROCHA

O USO DE ÁLCOOL POR JOVENS EM PERÍODO ACADÊMICO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Saúde Mental e Atenção Psicossocial, da Faculdade Laboro, para obtenção do título de Especialista.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Luiz Eduardo de Andrade Sodré (Orientador)

Mestre em Saúde do Adulto e da Criança – UFMA

Docente – Faculdade Laboro

Examinador 1

Examinador 2

O USO DE ÁLCOOL POR JOVENS EM PERÍODO ACADÊMICO

MARCELO MARTINS ROCHA¹

RESUMO

O álcool é a droga psicoativa mais comum entre os jovens que estão passando pela universidade. O uso de álcool é um fenômeno multifacetado e perpassa por várias causas, e não está sujeito a limites territoriais, sociais e tampouco biológicos. A pesquisa objetivou expor os principais fatores que levam o jovem em período acadêmico ao uso de álcool. O uso abusivo de álcool por jovens em período acadêmico é uma questão que vem preocupando os envolvidos com a educação, pois as consequências desse fato têm invadido os bancos escolares trazendo sérios prejuízos ao jovem que abusa de álcool e ao processo ensino-aprendizagem. No caso da população estudantil vale ressaltar que o alerta é ainda maior, pois a juventude é um período caracterizado por muitas transições, os estudantes estão mais vulneráveis para o início e manutenção do uso de álcool e outras drogas, além disso, o beber abusivo traz prejuízos ao processo acadêmico dos estudantes que mantêm tal conduta.

Palavras-chave: Álcool. Jovens. Acadêmico.

THE USE OF ALCOHOL BY YOUNG PEOPLE IN ACADEMIC PERIOD

ABSTRACT

Alcohol is the most common psychoactive drug among young people going through college. The use of alcohol is a multifaceted phenomenon and it runs through various causes, and is not subject to territorial, social or biological limits. The research aimed to expose the main factors that lead young people in the academic period to alcohol use. The abusive use of alcohol by young people in the academic period is an issue that is worrying those involved with education, as the consequences of this have invaded the school banks bringing serious harm to the young person who abuses alcohol and to the teaching-learning process. In the case of the student population, it is worth noting that the alert is even greater, since youth is a period characterized by many transitions, students are more vulnerable to the beginning and maintenance of alcohol and other drugs, and abusive drinking brings academic process of students who maintain such conduct.

Key-words: Alcohol. Young. Academic.

¹ Especialização em Saúde Mental e Atenção Psicossocial pela Faculdade Laboro, 2018.

1 INTRODUÇÃO

O uso de drogas está presente desde quando a sociedade começou a apresentar algum grau de organização e passou a documentar seus feitos, em várias sociedades e em vários tempos diferentes. Hoje há uma maior diversidade dessas drogas, assim como também os fatores incentivadores do seu uso, juntamente com isso cresceu também o número de pessoas que fazem uso delas, observando em especial o uso por pessoas mais jovens (ALVES, KOSSOBUDZKY, 2002).

Esse fenômeno é multifacetado e perpassa por várias causas, e não está sujeito a limites territoriais, sociais e tampouco biológicos, pois a questão do uso de drogas atinge sua dimensão total com o avanço da farmacologia avançada, da química em escala industrial e também da medicina.

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) a adolescência é o período entre 10 e 19 anos de idade (CONTI *et al.*,2005; SILVA, 2015), o qual é marcado pelo crescimento e desenvolvimento acelerado, onde o estado nutricional indica condições de uma vida saudável (RODRIGUES *et al.*,2005; SILVA, 2015), a adolescência é reconhecida como um período de transição entre a infância e a idade adulta. De acordo com o Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas – CEBRID (2010), o uso de drogas se inicia na adolescência entre a faixa etária de 12 a 14 anos, com maior prevalência no gênero masculino para o consumo abusivo de álcool e uso de drogas ilegais.

O Álcool e tabaco são as drogas de maior consumo na população em geral e, no momento, a que mais leva à morte é o álcool. Se colocarmos nessa conta somente as mortes causadas por pessoas embriagadas ao volante, já obtemos um número bem maior do que as outras drogas juntas. Apesar de ter seu consumo legalizado somente para maiores de 18 anos, a bebida alcoólica é a mais comum entre jovens e adolescentes, por ser de fácil acesso. Além disso, o uso desta substância é tolerado socialmente, um exemplo dessa tolerância é a postura da mídia brasileira que veicula propagandas de cervejarias, e outras onde o uso de alguma bebida alcoólica aparece, mostrando-se complacente para com o consumo de bebidas alcoólicas. O uso de bebidas alcoólicas entre jovens vem preocupando estudiosos, uma vez que, trata-se, de uma

substância psicoativa, assim, o consumo sem moderação traz efeitos nocivos à saúde. No caso da população estudantil vale pontuar que o alerta é bem maior, pois a adolescência é um período caracterizado por muitas transformações, os estudantes estão bem mais vulneráveis para o início e manutenção do uso de álcool e outras drogas, além disso, o beber abusivo traz prejuízos ao processo acadêmico dos estudantes. Por conta disso, ultimamente as áreas da educação e da saúde pública vêm nos últimos anos mobilizando a comunidade científica para investigar os padrões de uso de álcool da população estudantil (GALDUROZ; CARLINI, 1997).

Dessa forma, a pesquisa objetivou expor os principais fatores que levam o jovem em período acadêmico ao uso de álcool, através de uma revisão de literatura. Utilizou, portanto, artigos completos na base de dados na internet, publicados entre os anos de 2002 a 2018, em português. Os dados foram organizados em tópicos, conforme afinidade dos temas.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Problemas de saúde em decorrência ao uso de álcool

Os problemas de saúde estão entre as principais consequências relacionadas ao uso de álcool, apontado como a causa de mais de 60 tipos de doenças, 4 de desenvolvimento agudo ou crônico, contribuindo com cerca de 4% do total dos casos mundiais de doenças e gerando um custo significativo para o sistema de saúde. As doenças associadas ao consumo de álcool podem ser agrupadas em três categorias, refletindo a natureza de suas condições e a relação etiológica do consumo de álcool:

- Condições de saúde totalmente atribuíveis ao uso de álcool (relação de causalidade de 100%): transtornos neuropsiquiátricos, psicoses alcoólicas, abuso e dependência de álcool, condições fetais, cirrose hepática, entre outras;
- Condições crônicas que têm o álcool como fator contribuinte: câncer de boca, de orofaringe e de mama, aborto espontâneo, entre outras;

- Condições agudas em que o álcool é fator contribuinte: acidentes automobilísticos, quedas, envenenamento, afogamentos, homicídios, suicídios, entre outras (ANDRADE et al, 2007).

A última categoria pode ser subdividida em situações não-intencionais, como acidentes automobilísticos e quedas, e intencionais, como danos auto infligidos, homicídios e suicídios. O conjunto das condições fetais ocasionadas pelo consumo de álcool durante a gestação é denominado Espectro de Distúrbios Alcoólicos Fetais. Entre esses distúrbios, o mais comumente citado é a Síndrome Alcoólica Fetal (SAF). Mais especificamente, o consumo de álcool tem sido especialmente prejudicial em situações de câncer, doenças hepáticas e gestação, descritas a seguir (ANDRADE et al, 2007).

2.1.1 Doenças hepáticas

O abuso de álcool é a primeira causa de morte por doenças hepáticas nos Estados Unidos, sendo que 40 a 90% são devidas à cirrose hepática. Tem sido descrita uma relação linear entre a quantidade consumida de álcool (e o histórico de seu uso) e a incidência de doenças hepáticas (ANDRADE et al, 2007).

Entre os padrões de consumo, o uso moderado de álcool não tem qualquer benefício sobre a doença hepática, podendo causá-la em indivíduos suscetíveis. Assim, apesar de ainda não se saber ao certo o nível de dosagem alcoólica responsável por essas doenças, estudos sugerem que quatorze doses alcoólicas semanais para os homens e sete doses semanais para mulheres já podem levar à ocorrência de doenças hepáticas (ANDRADE et al, 2007).

Outros estudos, porém, sugerem doses mais altas. O relatório do NIAAA sugere que a cirrose hepática esteja geralmente associada ao consumo de cinco doses de álcool por dia, por um período de, pelo menos, cinco anos. A presença de outras doenças hepáticas, especialmente hepatite B e C, aumenta significativamente o risco de dano hepático quando combinado ao consumo moderado ou excessivo de álcool. Além disso, associadas ao consumo de álcool, a obesidade e a exposição a drogas e outras substâncias apresentam riscos adicionais ao desenvolvimento de doenças hepáticas (ANDRADE et al, 2007).

Em função desses múltiplos fatores interferentes, os níveis seguros de consumo de álcool, em relação às doenças hepáticas, têm variado de forma significativa entre os indivíduos.

2.1.2 Doenças cardiovasculares

Há uma disparidade a respeito da contribuição do uso de álcool ao desenvolvimento de eventos cardiovasculares, especialmente por beber de leve a moderado ter efeitos favoráveis, enquanto efeitos desfavoráveis são atribuídos ao beber pesado. No que se refere ao uso moderado, Klatsky et al. foram os primeiros a sugerir a existência de uma associação inversa entre esse uso e o risco de desenvolvimento de eventos cardiovasculares, graficamente ilustrada por uma curva em “U” ou “J” (ANDRADE et al, 2007).

Embora essa associação esteja clara ao desenvolvimento de doenças coronarianas, a relação com o desenvolvimento de outros eventos cardiovasculares e não-coronarianos (como cardiomiopatia, hipertensão, arritmia, derrame cerebrovascular hemorrágico e isquêmico e insuficiência cardíaca congestiva) ainda é controversa, parecendo diferir conforme o tipo de evento (ANDRADE et al, 2007).

Recentemente, uma revisão a respeito dos efeitos do consumo de álcool sobre a incidência de eventos cardiovasculares apontou à disparidade de ação, brevemente mencionada a seguir e separada conforme o tipo de evento cardiovascular.

2.1.3 Funcionamento cognitivo

O uso abusivo e prolongado de álcool está associado à ocorrência de demências.

A demência é a desordem mais comum que afeta o idoso, sendo o sexo, o nível de escolaridade, a dieta e os fatores vasculares como fatores de risco relevantes. Os dois tipos mais comuns de demência na população ocidental são o Alzheimer e a demência vascular. Especificamente quanto ao efeito do álcool sobre o funcionamento cognitivo do bebedor, estudos prospectivos têm apontado para uma associação entre o uso moderado de álcool e a diminuição do risco de desenvolvimento de demência, em

relação ao risco inerente entre não-bebedores ou abstêmios. Além disso, considerada a influência do sexo, o risco parece ser menor entre os homens ainda que seja ingerida quantidade igual de álcool. Todavia, a influência do gênero sobre o funcionamento cognitivo ainda é controversa, já que há estudos afirmando exatamente o contrário (ANDRADE et al, 2007).

Assim, uma pesquisa que contou com a avaliação da função mental de 12.480 mulheres, com idade entre 70 e 81 anos, que consumiam até 15g diários de álcool, mostrou que essas mulheres apresentaram melhor desempenho na avaliação cognitiva que as abstêmias e mantiveram melhor desempenho mesmo dois anos após a primeira avaliação. Quanto ao tipo de bebida, o consumo de vinho diminui o risco de demência, enquanto o uso de cerveja e destilados parece aumentá-lo – relação que permanece controversa. Os mecanismos da influência do álcool sobre o risco de demência parecem ser secundários à diminuição dos fatores de risco para doenças cardiovasculares, à possível melhora da neurotransmissão colinérgica na região referente ao hipocampo, ao efeito antioxidante inerente ao álcool, entre outros (ANDRADE et al, 2007).

2.2 Fatores de influência psicológica e social no uso de álcool

É um comportamento típico, durante a juventude, os jovens se inserem em novos grupos sociais. Assim, se durante a infância passavam mais tempo convivendo com os membros da família, é comum, nesse período de transição, a grupalização com os pares. Estes, todavia, passam a exercer uma influência sobre o comportamento do jovem. Segundo Andrade et al, (2007). “O grupo de amigos é um importante referencial para o jovem, determinando o vocabulário, as vestimentas e outros aspectos de seu comportamento”. Desta forma, em boa parte do tempo este jovem convive com os pares, através da grupalização. Cada grupo possui suas normas, formas de interagir e agir no mundo, exercendo um forte controle na vida deste, determinando suas atitudes e exigindo dele comportamentos que demonstrem seu compromisso para com o grupo. Nesse contexto, o jovem tem sua primeira experiência com o álcool, normalmente, entre os

amigos, seja por curiosidade ou mesmo pela pressão que os mesmos mantêm sobre ele (SOUSA, 2017).

Em uma pesquisa realizada com adolescentes participantes do Projeto Tribos Urbanas da Prefeitura de Belém-PA, um dos entrevistados apontou que: “Outra questão para gente beber é a influência dos amigos, pois para ficar perto dos moleques lá tinha que beber, porque senão era careta, era mocinha, essas frescuras de macho” (SOUSA, 2017).

No relato acima, fica evidente as estratégias persuasivas adotadas pelos pares para influenciar o comportamento do jovem, induzindo-o ao consumo de álcool, já que esta é a condição de pertencimento junto ao grupo. Para conseguir tal feito o grupo lança mão de recursos punitivos (“Aqui só fica homem. ” “Nós não somos mocinha que não bebe.”) ou de encorajamento (“Bebe! Você vai sentir-se mais feliz e poderoso. ”) (SOUSA, 2017).

Verifica-se que o grupo pune o comportamento de não ingerir álcool do jovem, excluindo-o da turma. Por este motivo, muitos jovens são persuadidos pelos amigos a fazerem uso de bebidas alcoólicas, pois entre eles, o álcool está sempre relacionado com experiências prazerosas (diversão, descontração, poder, etc.), sendo uma forma de socialização, autoafirmação, e símbolo de masculinidade ou maturidade (associação à fase adulta). O juízo crítico desses jovens, em relação às consequências do excesso de bebida alcoólica (acidentes, agressividade, comportamento sexual de risco), parece desativado nesses momentos de diversão, por isso, acreditam que nada pode acontecer com eles (SOUSA, 2017).

Baseado nesse pensamento incongruente, muitos jovens acabam expondo-se a situações perigosas, dentre elas: trânsito (dirigir em alta velocidade sob efeito do álcool), brigas (violência entre gangues, etc.) e sexualidade envolvimento sexual sem o uso de preservativos, o que os predispondo à contaminação por doenças sexualmente transmissíveis ou mesmo a gravidez precoce (SOUSA, 2017).

Sabe-se que o indivíduo dentro do grupo, em certas ocasiões, acaba realizando comportamentos, os quais, possivelmente, não desenvolveria se estivesse sozinho. Estudos comprovam que o sujeito inserido em uma grupalidade não é mais uma consciência individual, e sim coletiva. Então o adolescente na presença de outros que

consomem álcool, embora, muitas vezes, pense em rejeitar a substância, termina sendo influenciado, e o pensamento coletivizado pela tribo é assumido por ele durante o momento de grupalização (SOUSA, 2017).

2.2.1 Comportamento alcoolista na família

A família é um grupo social fundamental para o desenvolvimento do ser humano, representando o seu referencial. Ela cumpre funções sociais importantes: cuidado, proteção, socialização, etc. Sabe-se que é no contexto familiar, que possui suas próprias regras, normas e valores, que o indivíduo começa a construir sua personalidade, adquirindo alguns padrões comportamentais similares ao sistema familiar.

Desta forma, a família representa o primeiro grupo social de assimilação de conhecimentos e crenças que são formulados, compartilhados, imitados e transmitidos, constituindo-se em uma base para um desenvolvimento psicológico e emocional apropriado na fase adulta (ROEHRS; LENARDT; MAFTUM, 2008).

Nesse sentido, “[...] representa forte influência e determina diferenças significativas sobre o estilo em projeção de vida dos adolescentes” (ROEHRS; LENARDT; MAFTUM, 2008). O ambiente familiar, portanto, pode se constituir como um fator de proteção, mas também de risco. Neste caso, funcionando como um elemento de estímulo ao consumo precoce de álcool pelo adolescente.

A esse respeito, Roehrs, Lenardt e Maftum (2008) destacam que as práticas culturais presentes na família, dentre elas, a de consumo de drogas lícitas (como o álcool), representam ações disfuncionais que afetam o jovem, predispondo-o ao contato com a droga.

Pesquisas apontam que a convivência do jovem em uma família com um ou mais pessoas alcoolistas é um fator influente, pois filhos de pessoas dependentes têm maiores riscos de fazerem uso constante de bebidas alcoólicas.

Sobre esta questão, Pechansky, Szobot e Scivoletto (2004) fazendo referência a Brook e Brook (1996) indicam que falta de suporte parental, uso de drogas pelos próprios pais, atitudes permissivas dos pais perante o uso de drogas, incapacidade de controle dos filhos pelos pais, indisciplina e uso de drogas pelos irmãos são todos fatores

predisponentes à maior iniciação ou continuação de uso de drogas por parte dos adolescentes.

Com base no exposto acima, observa-se a importância de comportamentos funcionais adotados pelos pais, uma vez que estes são modelos para os filhos adolescentes em processo de desenvolvimento. Além disso, o sistema familiar precisa ser conduzido por meio de regras claras, com respeito mútuo entre os membros, definição de papéis e um suporte parental em que estejam evidentes o afeto e a atenção com os filhos.

Portanto, “[...] é necessária uma atitude familiar essencialmente positiva no sentido da alteração de hábitos, e esta deve acontecer primeiramente nos membros adultos [...]” (ROEHRS; LENARDT; MAFTUM, 2008). Ora, como discutido anteriormente, eles (pais) são um referencial significativo para o adolescente, a partir do quais o jovem tem uma base para construção de estilos de vida saudáveis ou disfuncionais.

2.3 Levantamentos epidemiológicos

2.3.1 O consumo de bebidas alcoólicas entre acadêmicos

A fase em que estudantes saem do Ensino Médio e ingressam no Ensino Superior parece ser um momento em que aumenta a vulnerabilidade para determinadas condutas de risco, como a de beber. O uso de álcool entre universitários é um fenômeno atual, segundo Dimeff e colegas (2002) a graduação pode ser vista como período que expõe mais os jovens às consequências indesejáveis do uso de bebidas alcoólicas. É, geralmente, nesta fase que ocorre a separação do jovem com a família, o que diminui o controle dos pais sobre os filhos, é também um momento que ocorre diversos encontros festivos e a influência dos pares passa a ser maior, tornando a população universitária mais vulnerável. Além disso, o consumo de álcool se relaciona com outras condutas de risco, tais como: o envolvimento em brigas, dirigir embriagado e o sexo sem proteção. Na maior parte das vezes, o consumo inicia de forma recreativa, mas este comportamento se relaciona com outras condutas de risco e, a longo prazo pode levar a dependência.

Andrade e colegas (1997) investigaram o uso de álcool e outras drogas com alunos de medicina de várias faculdades brasileiras e identificaram que o álcool e o

tabaco são as substâncias mais consumidas, com prevalências nos últimos 12 meses de 82,3% para o álcool e 29,6% para o tabaco. Outro trabalho, realizado junto a 1500 universitários, sobre a prevalência do uso de drogas lícitas e ilícitas, constatou que 88% dos entrevistados já fizeram uso de algum tipo de droga. Contudo, dentre as drogas que apareceram nos resultados, os percentuais obtidos quanto à utilização de álcool foram substancialmente maiores que as demais, 83% daqueles que usam algum tipo de droga declararam usar álcool (FIORINI; ALVES, 1999). Estes dados evidenciam que, cada vez mais, jovens acadêmicos fazem uso de drogas, sobretudo, do álcool. E para além das condutas de risco que este comportamento está associado, observa-se que os usuários de bebidas alcoólicas envolvem – se mais em atividades socioculturais e gastam menos tempo com atividades acadêmicas, em relação aos não usuários (BARRÍA et al., 2000).

Vários autores, tais como Presley e colegas (2002) consideram que o beber pesado entre universitários está associado a várias situações de risco e consequências negativas, a principal delas seria a mortalidade entre os estudantes, além de acidentes de trânsito, atos de violência, abuso sexual, assédio sexual, problemas de saúde, diminuição de produtividade acadêmica e problemas interpessoais. Estas pesquisas evidenciam a necessidade de investigar a conduta de beber entre estudantes do Ensino Superior.

Kerr-Correa e colegas (2002) fizeram um levantamento do padrão de uso de substâncias psicoativas com quase doze mil estudantes universitários e de ensino médio da Universidade Estadual Paulista – UNESP. Resultados mostraram que 74,4% dos universitários e 65,8% dos alunos de ensino médio consumiram álcool no último mês antecedente à pesquisa. Em média 69,9% das universitárias e 67,7% das alunas do ensino médio faziam uso de álcool. Em outra pesquisa realizada com estudantes também da UNESP, Simão e colegas (2008) investigaram a aplicação de uma intervenção breve entre estudantes que apresentaram beber de risco, dentre os quais 43,6% dos bebedores de risco, que receberam a intervenção breve, eram mulheres.

Frente aos dados deste trabalho é possível concluir que se os jovens são um grupo vulnerável para o consumo de álcool, os universitários são ainda mais, haja vista que estão constantemente sobre a influência dos pares e em festas do meio acadêmico, além disso, muitos moram sozinhos, ou seja, estão afastados do controle da família.

No ano de 2005, em pesquisa realizada dentro do projeto "Gender, Alcohol and Culture: an International Study – GENACIS" (OBOTT; ROOM, 2005), estudo organizado sob os auspícios da Organização Mundial de Saúde (OMS), mostra que, no Brasil, somente 44,4% das mulheres entre 18 e 34 anos de idade declaram-se abstinente de álcool. Além disso, 7,1% relataram beber de forma pesada algumas vezes e 2%, frequentemente. Consolidando estes números, 2% das mulheres declararam apresentar problemas em controlar a ingestão de álcool (KERR-CORREA et al., 2005). Peuker e colegas (2006), analisando os dados de oito países de renda média e baixa do projeto GENACIS, dentre os quais se encontra o Brasil, mostram que, com exceção da Índia e Sri Lanka, os outros seis países apresentaram consumo de álcool elevado.

Peuker e colegas (2006), em estudo sobre expectativas e o beber problemático de universitários do estado do Rio Grande do Sul, constatou pelo AUDIT que 44,2% dos participantes apresentavam-se como consumidores de risco (score maior ou igual a 8), dentre os quais 35,7% das mulheres e 53,1% dos homens. Se o ponto de corte para consumo de risco em mulheres fosse modificado para score 6, o número de bebedores problemáticos aumentaria para 54% (55% das mulheres versus 53% dos homens).

Descrever os universitários da área da saúde quanto às características sócio demográficas, como sexo, idade e faixa etária; nível socioeconômico; uso das drogas psicotrópicas lícitas e ilícitas; e características foi o objetivo do trabalho de Lucas e colegas (2006). A pesquisa foi realizada com 809 alunos da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) nos cursos de Farmácia, Medicina e Odontologia, nos anos de 2002 a 2004. Dos alunos pesquisados, a maior representação foi de solteiros (89,1%), do sexo feminino (65,7%), da faixa etária de 19 a 21 anos (36,1%), sem trabalho remunerado (54,7%) e com nível socioeconômico A (56%). Nessa pesquisa, constatou-se que o álcool é a droga mais utilizada (87,7%), não havendo diferença entre os sexos com relação ao seu consumo. Em relação à opinião destes alunos sobre as drogas, a maior parte deles afirmou que as drogas (tabaco, drogas ilícitas, medicamentos sem receitas) fazem muito mal à saúde, exceto o álcool. Apenas 36,8% dos entrevistados consideraram que o álcool é uma substância que faz muito mal à saúde, a maior parte 55,2% considera que bebidas alcoólicas apenas fazem mal à saúde.

No primeiro semestre de 2007, MARDEGAN e colegas (2007) realizaram pesquisa com 179 estudantes do curso de enfermagem do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Espírito Santo. Sendo que 82,7% (N= 148) eram do sexo feminino e a idade média era de 20 e 22 anos em relação ao nível socioeconômico, houve prevalência nas 26966 classes B (41,3%) e C (33,0%). Mais uma vez o álcool é a substância de maior consumo e na amostra geral o uso frequente foi de 11,7%. O consumo na vida foi de 93,1% para homens e 80,4% entre as mulheres. A idade de experimentação prevaleceu entre 16 e 18 anos e 50,8% relatam beber com os amigos. Foram considerados bebedores de alto risco 5,9% do total de estudantes. Resultados também mostraram associação entre abstinência/beber moderado e rendimento acadêmico, com 78,5% destes alunos apresentando nota acima da média (7.0) enquanto 71,4% apresentam notas iguais à média. Entre os estudantes que apresentam notas abaixo da média, 32% foram classificados como moderados e 9,4% como bebedores de alto risco.

O II levantamento nacional, realizado nas 108 maiores cidades do país em 2005 (CARLINI et al., 2007), demonstrou que, considerando a população geral, o uso de álcool na vida foi de 74,6%. No primeiro levantamento essa porcentagem foi de 68,7%, o que mostra um aumento de 5,9% em quatro anos. Já entre as mulheres o aumento identificado foi de 21,1%. A prevalência de entrevistados classificados como dependentes de álcool alcançou 12,3% da amostra, sendo que 6,9% foi a porcentagem alcançada pelas mulheres.

Na região sul do país foi realizado um trabalho para identificar o consumo de entre os estudantes de Enfermagem de uma Universidade do Oeste de Santa Catarina. Stamm e Bressan, (2007) O estudo contou com 99 mulheres e, dos 100 participantes, 70,0% relatam já ter usado bebidas alcoólicas. Por se uma amostra representativamente feminina, esse dado revela o quanto vem crescendo o consumo de álcool entre as jovens mulheres. Segundo Stamm e Bressan, (2007), o alcoolismo feminino é mais frequente do que se imagina, no entanto, os casos não são fielmente divulgados, ficando na maioria das vezes o homem como alcoolista.

Com o objetivo de caracterizar o padrão de consumo de bebidas alcoólicas dos estudantes da Universidade de Aveiro e investigar a sua relação com o consumo de

outras substâncias psicoativas, Stamm e Bressan, (2007) aplicou o AUDIT em 511 estudantes, destes 62,8% (N= 321) são do sexo feminino e 37,2% (N= 190) do sexo masculino e a idade média foi de 22,1 anos. Os resultados mostraram 15,3% dos sujeitos fazem consumo abusivo e entre as mulheres 10,2%, aproximadamente, bebem de forma abusiva. Soares (2011) analisou a produção sobre o uso de álcool entre estudantes do ensino médio e superior, publicada nos 26968 Anais dos Congressos Brasileiros de Enfermagem, no período de 1998 a 2008. Evidenciou-se nos últimos anos um aumento da produção científica sobre o tema com publicações que abordaram fatores contribuintes ao uso de álcool, bem como o perfil deste uso, sobretudo na região sudeste do país. No entanto, ele conclui que, apesar do aumento da produção de estudos sobre o uso de álcool, esse ainda é um tema incipiente, e sugere que outros estudos dessa natureza sejam realizados.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É nessa realidade de consumo cada vez mais crescente de álcool na sociedade brasileira que os jovens estão concluindo o ensino médio e se preparando para o ingresso em uma universidade. Eles são, de fato, um grupo com maior vulnerabilidade para o consumo de álcool, haja vista que estão constantemente sob a influência dos pares e em festas do meio acadêmico, além disso, muitos moram sozinhos, ou seja, estão afastados do controle da família. O ingresso na universidade, que acontece ainda na adolescência, pode ser percebido como um período de alta vulnerabilidade para condutas de risco, em especial quando do início e da manutenção do consumo de álcool e outras drogas.

Esta revisão mostra que o consumo abusivo de álcool tem alta prevalência entre estudantes do Ensino Universitário, também, permite inferir que o jovem desse período tem aumentado o padrão de consumo e a idade de experimentação tem sido cada vez menor, o álcool é a substância mais consumida, especialmente, a cerveja, que é a preferida entre as estudantes.

É válido pontuar que as pesquisas que remontam o consumo de álcool entre universitários começam a surgir em meados da década de noventa, o que indica a necessidade de explorar cientificamente a temática. Espera-se que este trabalho contribua como informações necessárias para a conscientização e atuação das comunidades ligadas a saúde e educação nessa causa. Assim sendo, este estudo traz a necessidade de serem realizadas mais pesquisas no Brasil sobre o consumo de álcool, sendo que a maioria dos estudos feitos sobre o tema são revisões bibliográficas. E esse assunto é de fundamental importância e urgência, pois apesar da abrangência do sexo masculino e classe social média baixa, a inserção ao uso de álcool está sendo cada vez mais cedo, o que vai se alastrando para a idade adulta jovem.

REFERÊNCIAS

ALVES, R. ; KOSSOBUDZKY, L.A. Caracterização dos adolescentes internados por álcool e outras drogas na cidade de Curitiba. *Internação em Psicologia: UFPR*, 2002. Disponível em <<http://www.revistas.ufpr.br/>>. Consulta realizada em 14/09/2018.

ANDRADE, A G. et al. Fatores de risco associados ao uso de álcool e drogas na vida, entre estudantes de Medicina do Estado de São Paulo. *Rev. ABP. APAL*, v. 19, n.4, p. 117-126, 1997.

ANDRADE, A. G.; OLIVEIRA, L. G. Principais consequências em longo prazo relacionadas ao consumo moderado de álcool. 2007. Disponível em: <http://www.cisa.org.br/UserFiles/File/alcoolesuasconsequencias-pt-cap2.pdf>. Acesso em: 18/10/2018.

BARRÍA, A. C. R. et al. Comportamento do universitário da área de biológicas da Universidade de São Paulo, em relação ao uso de drogas. *Rev. Psiq. Clínica*, v, 27. n. 4, 2000. Disponível em: <http://www.hcnet.usp.br/ipq/revista/vol27/n4/art215.htm>. Acesso em: 02 jul. 2018.

CARLINI, E. A. et al. *II Levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil: estudo envolvendo as 108 maiores cidades do País – 2005*; Brasília: Secretaria Nacional Antidrogas, 2007.

CEBRID. Centro Brasileiro de Informações sobre drogas psicotrópicas. Levantamento sobre o consumo de substâncias psicoativas entre estudantes de ensino fundamental (8º e 9º ano) e médio (1º a 3º ano) da rede particular do município de São Paulo, n. 66, 2010.

CHIAPETTI, N.; SERBENA, C. A. Uso de álcool, tabaco e drogas por estudantes da área de saúde de uma Universidade de Curitiba. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 20, n. 2, p.303-313, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v20n2/a17v20n2.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2018.

DIMEFF, L. et al. *Alcoolismo entre estudantes universitários: Uma abordagem de redução de danos*. São Paulo: UNESP, 2002.

FIORINI, J. E; ALVES, A. L. Uso de drogas lícitas e ilícitas no meio universitário de alfenas. *Rev. Un. Alfenas, Alfenas*, v. 5, p.263-267, 1999. Disponível em: http://www.unifenas.br/PESQUISA/revistas/download/ArtigosRev2_99/pag263-267.pdf. Acesso em: 02 jul. 2018.

GALDURÓZ, J. C. F. et al. IV levantamento sobre o uso de drogas entre estudantes de 1º e 2º graus em 10 capitais brasileiras - São Paulo: Centro Brasileiro de Informações Sobre Drogas Psicotrópicas - CEBRID/Escola Paulista de Medicina –EPM; 1997. Disponível em: 200.144.91.102/sitenovo/conteudo.aspx?cd=644. Acesso em: 02 jul. 2018.

KERR-CORREA, F. et al. Possíveis fatores de risco para o uso de álcool e drogas em estudantes universitários e colegiais da UNESP. JBDQ Jornal Brasileiro de Dependência Químicas. Vol 3, n. 1 p. 32 – 41, 2002.

LUCAS, A. C. S. et al. Uso de psicotrópicos entre universitários da área da saúde da Universidade Federal do Amazonas, Brasil. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 22, n. 3, p. 663-671, 2006. Disponível em: www.scielo.br/pdf/csp/v22n3/21.pdf. Acesso em: 02 jul. 2018.

MARDEGAN, P. S. et al. Uso de substâncias psicoativas entre estudantes de enfermagem. J. Bras. Psiquiatria, v. 56, n. 4, p. 260-266, 2007. Disponível em: www.ufrb.edu.br/...e...uso...estudantes-de-enfermagem/download. Acesso em: 05 jul. 2018.

OBOT, I. S.; ROOM, R. Alcohol, Gender and Drinking Problems: Perspectives from Low and Middle Income Countries. Geneva: World Health Organization. 2005.

PECHANASKY, F.; SZOBOT, C. M.; SCIVOLETTO, S. USO de álcool entre adolescentes: conceitos, características epidemiológicas e fatores etiopatogênicos. Rev. Bras. Psiquiatria. São Paulo, v. 26, Supl. I, p.14-17, 2004.

PEUKER AC, FOGAÇA J, EIZARRO L. Expectativas e beber problemático entre universitários. Psicologia: Teoria e Pesquisa; v. 22, p. 193-200, 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-55022008000100009&script=sci_arttext. Acesso em: 03 jul. 2018.

PRESLEY, C. A. et al. Universitários. Fatores que influenciam beber. Jornal de Estudos sobre Álcool, v. 63 (Supl 14), p. 82-90, 2002. Disponível em: www.grea.org.br/l_levantamento/l_levantamento_nacional.pdf. Acesso em: 04 jul. 2018.

RIBEIRO, E. Padrão de consumo de bebidas alcoólicas entre universitários da área da saúde de uma faculdade do interior do estado de São Paulo. 125 f. Dissertação apresentada a escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, 2007. Disponível em:

www.teses.usp.br/teses/disponiveis/22/22131/tde.../ElaineRibeiro.pdf. Acesso em: 02 jul. 2018.

ROEHRS, H.; LENARDT, M. H.; MAFTUM, M. A. Práticas culturais familiares e o uso de drogas psicoativas pelos adolescentes: reflexão teórica. *Esc Anna Nery Rev Enferm*, v. 12, n. 2, p. 353-357, 2008.

SILVA, L. T.; ROCHA, M. S. O uso de cannabis ativa (maconha) por adolescentes e suas consequências. *Revista Oswaldo Cruz*, 2015. Disponível em <http://www.revista.oswaldocruz.br/>. Acesso em 16/08/2018.

SIMÃO, M. O. et al. Prevention of Drinking among Students at a Brazilian University. *Alcohol and Alcoholism (Oxford)*, v. 43,n. 8, p. :470-476, 2008. Disponível em: alcalc.oxfordjournals.org/content/43/4/470.full. Acesso em: 02 Jul.2018.

SOUSA, K. P. A., Alguns fatores que influenciam o consumo precoce de álcool. 2017. Disponível em ojs.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/download/33447/19461. Acesso em 18/10/2018

STAMM, M; e BRESSAN, L. Consumo de álcool entre estudantes do curso de enfermagem de um município do centro oeste catarinense. *CiencCuidSaude*, v. 6, n. 3, p. 319-324, 2007.